Lição 4: Solução dos argumentos que concluíam que o movimento nem sempre existiu

997. Após apresentar argumentos que provam que o movimento sempre existe, o Filósofo pretende agora responder às objeções em contrário. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta os argumentos;

Em segundo lugar, responde a eles, a partir de 1000.

Quanto ao primeiro, ele apresenta três argumentos, após afirmar inicialmente que não é difícil solucionar as objeções contrárias à sua posição. E diz que há três argumentos principais dos quais parece decorrer que o movimento começou a existir em algum momento, após anteriormente não existir absolutamente.

O primeiro deles é aquele pelo qual ele provou no Livro VI que nenhuma mudança é infinita, porque pelo mesmo argumento pode-se provar que nenhuma mudança é eterna. Pois nenhuma mudança terminada é eterna, assim como não é infinita. Mas toda mudança é terminada. Pois todo movimento é naturalmente de algo para algo, e estes dois são contrários; portanto, necessariamente, os termos de qualquer mudança são os contrários dentro da esfera dessa mudança. Mas porque a contrariedade dos termos não é evidente em todos os casos de movimento local, Aristóteles acrescenta algo comum a todo movimento, a saber, que nada é movido ao infinito, porque nada é movido em direção ao que não pode alcançar, como foi dito no Livro VI. Portanto, fica claro que nenhum movimento é perpétuo, assim como não é infinito. Se, portanto, nenhum movimento é perpétuo, parece também possível postular um tempo em que não há mudança. Este primeiro argumento é tirado do movimento.

998. O segundo argumento baseia-se no móvel, em (768). É este: Se o movimento não pode vir a existir novamente quando anteriormente não existia, parece apropriado dizer de qualquer coisa que ou está sempre em movimento ou nunca em movimento; porque se o movimento pode às vezes existir e às vezes não existir em um móvel particular, por que não no universo inteiro? Mas vemos que é possível que algo seja movido que anteriormente não era movido como um todo, e que não tinha movimento em si mesmo com respeito a nenhuma de suas partes, como é aparente

nos seres inanimados, entre os quais algum móvel começa em um momento a ser movido quando anteriormente nenhuma parte havia sido movida, nem o todo em si, mas estava completamente em repouso. Permanece, portanto, que em todo o universo pode haver movimento onde anteriormente não havia nenhum.

999. Mas porque nos seres inanimados, embora o movimento seja visto começar novamente em algo quando anteriormente não havia nenhum, ainda assim o movimento parece ter pré-existido em algo externo pelo qual é movido, ele apresenta, portanto, um terceiro argumento a partir dos animais, que são movidos não externamente, mas por si mesmos.

Este argumento está em (769), e diz que é mais evidente nos animais do que nos inanimados que o movimento começa após anteriormente não ter existido. Pois quando repousamos por um tempo de modo que nenhum movimento exista em nós, começamos em um certo tempo a ser movidos e o princípio do nosso movimento é de nós mesmos, mesmo que nada externo nos mova. Isso, no entanto, não acontece nos seres inanimados, porque eles são movidos sempre por algo externo, como a causa que os gera, ou uma causa que remove um obstáculo, ou uma causa que os submete à força. Disto segue, se um animal está em algum momento inteiramente em repouso, que o movimento começa a existir em um ser imóvel após anteriormente não existir nele, movimento este que não se origina de um motor externo, mas da própria coisa que é movida. E se isso pode ocorrer em um animal, nada impede que ocorra no universo. Pois um animal, e especialmente o homem, possui uma semelhança com o mundo; por isso se diz que o homem é um pequeno mundo. Portanto, se neste pequeno mundo, o movimento pode começar após anteriormente não existir nele, parece que o mesmo pode acontecer no grande mundo. E se isso acontece no mundo, pode acontecer no todo infinito, que alguns supunham existir além do mundo — desde que, é claro, haja algo infinito que possa repousar e ser movido.

1000. Então, em (770), ele responde a estes argumentos em ordem.

Em resposta, portanto, ao primeiro, ele diz que é correto afirmar que o movimento que ocorre entre contrários não pode sempre perdurar como um único e mesmo movimento numérico, porque talvez isso seja necessário, como será provado mais tarde — e ele deixa isso em dúvida, porque ainda não foi provado. Mas porque alguém poderia dizer que mesmo o movimento que está entre contrários pode ser sempre numericamente o mesmo devido à manutenção do mesmo móvel que é repetidamente movido de um contrário a outro — por exemplo, se é primeiro movido do branco ao preto, e depois do preto ao branco, e assim sucessivamente ao longo do tempo — ele então acrescenta que não é possível que um movimento que está sempre em um único e mesmo móvel seja mantido uno e o mesmo por repetição. E ele explica isso com um exemplo: Suponha que a mesma corda seja continuamente tocada em uma lira e que o tocador seja invariável em seu toque; pode-se perguntar se o movimento e o som de uma mesma corda tocada duas vezes são um e o mesmo ou continuamente outros e outros.

Contudo, seja qual for o caso com outros móveis, nada impede que um movimento que não está entre contrários, tal como um movimento circular, seja o mesmo movimento contínuo e perpétuo. Isso ficará mais claro a partir do desenvolvimento posterior. Portanto, embora todo movimento seja finito com respeito aos seus termos, ainda assim, por repetição, algum movimento pode ser contínuo e perpétuo.

1001. Então, em (771), ele responde ao segundo argumento. E diz que não é nada incomum que um ser inanimado comece a ser movido quando anteriormente não estava sendo movido, desde que isso ocorra porque um motor externo está presente em um momento e não em outro. Pois é claro que o movimento deve pré-existir por parte de um motor que em algum momento se torna próximo, mas anteriormente não o era. No entanto, este parece ser um ponto a ser investigado como um problema, a saber, se, existindo um motor, o mesmo objeto pode ser em um momento movido por este motor e em outro não — pois ele havia dito anteriormente que tal coisa não pode acontecer a menos que intervenha alguma mudança afetando o motor ou o móvel. Portanto, o movimento sempre pré-existe, quer um motor pré-exista ou não. Agora, este ponto parece necessitar de investigação, porque quem propôs este argumento parece estar certo sobre tudo, exceto um fator, a saber, por que as coisas em repouso nem sempre repousam, e os móveis nem sempre estão em movimento.

1002. Então, em (772), ele responde ao terceiro argumento. E diz que a terceira objeção causa o maior problema acerca de saber se o movimento pode existir após anteriormente não existir, baseado no que é visto acontecer nos seres vivos. Pois parece que um animal que anteriormente estava em repouso, mais tarde começa a se mover sem qualquer causa externa de movimento; portanto, parece que aquele movimento do animal não foi precedido por qualquer movimento, nem no animal nem em qualquer outra coisa, como acontece nos seres inanimados.

Mas é falso que o movimento do animal não venha a existir a partir de algo externo. Pois sempre observamos nos animais algo naturalmente movido, que, a saber, não é movido pela vontade. E a causa de seu ser movido naturalmente não é o animal através de seu apetite, mas talvez a causa desta mudança natural seja o ambiente circundante, i.e., o ar, e além disso os céus, como é claramente o caso quando o corpo de um animal é alterado pelo calor ou frio do ar.

Ele diz "talvez" porque, em um animal, algo também é movido naturalmente por um princípio interno, como é evidente nas mudanças que ocorrem na alma vegetativa, como a digestão dos alimentos e as transmutações subsequentes, que são chamadas de "naturais" porque não seguem a apreensão e o apetite. E, como isso parece contrário ao que é próprio de um animal, que é mover-se a si mesmo, ele acrescenta que, quando dizemos que um animal "se move", não entendemos isso de qualquer movimento, mas do movimento local, segundo o qual um animal se move por meio da apreensão e do apetite.

Assim, nada impede — de fato, é necessário — que muitas mudanças ocorram no corpo de um animal devido ao seu entorno, ou seja, o ar e os céus; algumas dessas mudanças movem o entendimento ou o apetite, pelos quais, por sua vez, todo o animal é movido.

1003. Deve-se notar que Aristóteles aqui declara a maneira como os corpos celestes agem sobre nós. Pois eles não agem diretamente em nossas almas, mas em nossos corpos; mas, quando nossos corpos são movidos, então *per accidens* ocorre uma mudança nas potências da alma, que são atos de órgãos corporais, mas não necessariamente no intelecto e no apetite intelectivo, que não usam órgãos corporais. No entanto, o intelecto e a vontade às vezes seguem algumas dessas mudanças, como quando uma pessoa, por meio de sua razão, escolhe perseguir, rejeitar ou fazer algo devido a uma paixão que começou no corpo ou na parte sensitiva. Portanto, Aristóteles não diz que todos os movimentos causados pelo entorno movem o intelecto ou o apetite, mas que

alguns deles o fazem. Dessa forma, ele exclui a necessidade das potências intelectivas.

Do que foi dito, ele dá um exemplo a partir das coisas que dormem, nas quais parece haver máximo repouso em relação aos movimentos animais. Mas, mesmo durante o sono, não havendo movimento sensível, isto é, procedente da apreensão sensorial, os animais se levantam despertados por algum movimento existente internamente, devido seja ao trabalho da alma nutritiva — como quando, pela digestão do alimento, os vapores que causaram o sono desaparecem e o animal é despertado —, seja quando o corpo é alterado pelo entorno, pelo calor ou pelo frio.

Assim, fica claro para quem considera o assunto diligentemente que nenhum movimento jamais surge em nós de novo a menos que algum outro movimento o tenha precedido. E ele promete dar uma explicação mais completa disso posteriormente.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:49:53 by Admin
Updated 1 October 2026 23:54:22 by Admin